



Revista Internacional de Folkcomunicação

ISSN: 1807-4960

revistafolkcom@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Brasil

Woitowicz, Karina Janz
Comunidades indígenas e resistência cultural na Amazônia:
entrevista com a pesquisadora Iraídes Caldas Torres 1
Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 18, núm. 41, 2020, Julio-, pp. 238-247
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.5212/RIF.v.18.i41.0013>

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631766106014>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso
abierto

Comunidades indígenas e resistência cultural na Amazônia: entrevista com a pesquisadora Iraildes Caldas Torres¹

Karina Janz Woitowicz²



Pesquisadora Iraildes Caldas Torres na abertura da Folkcom 2018 (Foto: Rede Folkcom)

O desafio de promover outros olhares sobre a Amazônia e sobre as culturas indígenas é o foco de interesse da pesquisadora Iraildes Caldas Torres, professora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Graduada em Filosofia e em Teologia pelo Instituto Superior de Filosofia, Teologia, Pastoral e Ciências Humanas da CNBB e em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas, a pesquisadora é mestre em Educação pela Universidade Federal do Amazonas e doutora em

¹ Entrevista com a professora Dra. Iraildes Caldas Torres realizada em Parintins/AM no dia 25 de junho de 2018, durante a XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

² Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Coordenadora do grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação. Bolsista produtividade em Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico/Extensão pela Fundação Araucária. Correio eletrônico: karinajw@uepg.br

Ciências Sociais - Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Também é pós-doutora pela Université Lumière de Lyon 2, na França, com pesquisa sobre a experiência estética da poiesis Sateré-Mawé. É membro da Academia de Letras do Brasil e vice-presidente da Associação Brasileira de Escritores e Poetas da PAN-Amazônia (ABEPPA).

Atua em pesquisas sobre comunidades indígenas e relações de gênero no cenário da Amazônia e é autora de diversos livros e artigos. Entre as obras individuais e coletivas mais recentes, destacam-se: “As Primeiras-damas e a Assistência Social: relações de gênero e poder” (EDUA; ALEXA, 2019), “Amazônia: Gênero, Fronteira, Saberes e Desenvolvimento” (EDUA; ALEXA, 2019), “Epifanias da Amazônia: Relações de poder, trabalho e práticas sociais” (Grafisa, 2017), “Amazônia: Cultura e Desenvolvimento” (Elógica, 2017), “Serviço Social e Sustentabilidade: diversidade de olhares sobre questões socioambientais no Amazonas” (Editora UFAM, 2017), “Entrelaçamentos de Gênero na Amazônia - silenciamentos, família, corpo e outras intersecções” (Valer, 2015), “Mulheres Sateré-Mawé, a epifania de seu povo e suas práticas sociais” (Valer, 2014) e “O Ethos das Mulheres da Floresta” (Valer, 2012).

Em entrevista à *Revista Internacional de Folkcomunicação*, concedida durante a XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em Parintins, Iraildes abordou a formação social do pensamento amazônico, elaborando uma percepção crítica em torno da visão sobre a Região herdada do processo de colonização. A proposta de desconstrução do pensamento hegemônico, o fortalecimento de uma visão “de dentro” acerca do conhecimento sobre a Amazônia e a preocupação com as relações de gênero e etnicidade constituem os principais eixos do diálogo apresentado a seguir.

Revista Internacional de Folkcomunicação: Professora Iraildes, para começar, gostaria que a senhora falasse um pouco sobre a origem da formação do pensamento em torno dos povos indígenas. Como se estabeleceu a visão do colonizador que marcou os discursos hegemônicos sobre esses povos?

Iraildes Caldas Torres: Desde o início do chamado descobrimento e depois da conquista da América, a Amazônia é retratada por uma via de um pensamento europeu, uma ótica eurocêntrica que percebeu esses povos como povos sem história, sem razão, sem cognição e que repassou isso para o imaginário social através de conceitos de xilografias, gravuras,

desenhos e que, aos poucos, foi se construindo uma ideia deturpada, ou turva, dessas imagens. Então houve uma preocupação muito grande, no primeiro momento, isso nos séculos XVI e XVII, com a natureza como se houvesse aqui uma desertificação humana e uma abundância da natureza. Há uma cisão aí entre natureza e cultura, esse é o grande mote de discussão. É justamente no momento em que o Iluminismo estabelece essa cisão, quando as ciências estão sendo estruturadas, com um evento da fundação da sociedade com Rousseau, com todos os contratualistas.

E isso então vai fazer, de acordo com o próprio Hegel, se voltar para uma ideia de que no Novo Mundo, na América, esses povos recém-descobertos não tinham capacidade de cognição e de razão. Então começa com essas representações um certo vilipêndio de raça, que é muito mais do que um preconceito. É pegar uma determinada raça e desfazer da sua humanidade. E esses conceitos, eles acabaram por cristalizar verdades. Então, por exemplo, quando se olha para Amazônia, a partir dos olhos da Europa, se olha com os olhos da lascívia sexual com relação às mulheres, por exemplo. Então são aquelas que estão nuas, são as depravadas, são as que estão já prontas para a cópula e, portanto, elas não são da ordem da humanidade. Elas são da ordem de um selvagerismo. E isso vai sendo elaborado em construções. Nós temos aí a história natural do Conde de Buffon, que é um grande responsável por essas representações. Mas tem outros livros, também de História Natural, do Oviedo e Valdés, do século XVI para o XVII, que também expõe essas questões. A representação de que o índio ele não é um ser, ele não tem humanidade; ele é imiscuído na selva. Portanto, ele é um duende que se cria na selva. Ele não é feito à luz da razão; ele não se adapta, porque ele não está acoplado à natureza como parte dela. E que a evolução dele, desse homem, dar-se-ia de uma forma muito lenta.

Então teria que acabar com isso, vir outra humanidade para que, quem sabe, eles pudessem ter uma evolução. Essa teoria evolucionista é a do Lineu [...]. Para completar também, tem pesquisadores que acabam fazendo isso, acabam retumbando essas coisas, aumentando e dando asas para esse tipo de pensamento. Quando trabalham essa perspectiva de homens anfíbios nos seus livros, acabam fazendo o quê? Reiterando as teorias de Lineu. Essas construções acabaram por comprometer a imagem indígena. Então, tudo que dizia respeito aos índios, seu sistema de trabalho, sua organização social, não tem valor. Se tem

notícia que havia grandes sistemas de organização. Nós podemos citar os incas, os maias, como grandes civilizações, vamos dizer assim, com sistemas fortes de organização social. E os índios da América do Sul para cá, nos chamados da América Latina também, de toda América, eles tinham sistemas inclusive de classificados e esses sistemas foram todos acabados e exterminados pelo projeto colonizador. Daí tudo que diz respeito aos indígenas era para ser destruído ou desvalorizado frente ao pensamento ocidental.

A ideia é de construção de uma manutenção de uma raça superior que é a europeia. Portanto, tinha que inferiorizar a outra raça que estava sendo descoberta que aparecia aos olhos do Ocidente, que eram os índios e todos os povos do chamado novo mundo. Bem, esses conceitos, eles passam a ser questionados quando, a partir do século XIX, tem algumas pesquisas como, por exemplo, a pesquisa do etnólogo Curt Nimuendajú, final do século XIX e início do século XX, que vem para o Brasil e se apaixona pelos índios e começa, então, a ter uma outra visão e não aquela mais do colonizador sobre os índios. Também tem uma expedição, do século XIX, do Louis e Elizabeth Agassiz, que vieram pelo Sudeste, Rio de Janeiro e tal, visitando o Brasil até aqui na Amazônia. Aqui, eles visitaram Parintins, visitaram os municípios mais próximos e o relato da Agassiz, especialmente da mulher, que era a cronista da expedição, retrata muito bem as mulheres. Ela diz assim: “olha, eu não confirmei nas aldeias que eu fui, tinha o nome de comunidade, nas aldeias que eu andei, eu não confirmei essa coisa das mulheres serem libertinas, serem oferecidas. Muito pelo contrário! As mulheres nos bailes para dançar é o homem que vai tirá-la, que vai oferecer a dança e ela entra na dança com todo o respeito e tal”. Então, é muito bacana esse relato que ela faz sobre as mulheres. Ela acaba criticando e colocando por terra aquele discurso de que as mulheres são lascivas sexuais. Isso é muito bacana.

João Daniel, no século XVIII, que é um padre Jesuíta que esteve aqui e ficou um tempo grande na Amazônia, no tempo da política pombalina, também falou a respeito dos índios coisas muito boas, dizendo que eles têm humanidade e se voltou para eles. Então, tem algumas expedições que a gente tem que fazer referência, nesse sentido de trazer luz para iluminar essas sombras que as outras expedições fizeram. Bem, e depois então, vem os trabalhos do Boas, do Fransburg. Vem o trabalho dos irmãos Orlando que vieram para cá para Amazônia. Tem vários trabalhos de etnografia que fazem com que comece a existir uma preocupação voltada para a

desmistificação e a desestruturação desses conceitos. E isso tem sido uma busca. Já tem um tempo que está sendo feito um contraponto que a gente espera que se concretize numa epistemologia sobre a Amazônia, que advém de várias disciplinas. Advém da Antropologia, da Sociologia, da História, a própria Geografia começa a questionar os conceitos do geografismo, aquele geografismo que existe só das coisas do lugar, da topografia e não valoriza humano. Uma geografia vista dos de cima, hegemônica. A própria geografia revendo seus conceitos. A história que registra fatos, sempre do ponto de vista dos vencedores, ela inaugura com os *analles* uma nova forma de ver e tem contribuído muito para esta visão que eu estou falando de uma Amazônia vista por dentro.

RIF: Como tem sido, para os pesquisadores, trabalhar com essa outra visão sobre a Amazônia?

ICT: A gente como pesquisador fica assim, não concordando que não existia nada na Amazônia. Tem gente que diz que não existe um pensamento próprio, eu não sou muito afeita a isso, porque existe, inclusive, instituições que foram criadas para trabalhar essas questões. O museu Goeldi, por exemplo, ele é do século XIX, tem mais de 100 anos. Ele é do Pará e tem feito pesquisas maravilhosas que tem voltado o seu olhar de dentro da Amazônia para fora. O INPA que é o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia que tem dentro da biologia, das ciências naturais, uma presença muito grande, também tem se voltado para desmistificar alguns desses conceitos. O Altos Estudos Amazônicos chamado NAEA e também está no Pará se esforça, mensalmente, através de doutorado e mestrado para desmistificar. E o nosso programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura, que está fazendo 20 anos esse ano, tem trabalhado e se esforçado muito para colocar isso nas pesquisas, vamos dizer assim, ampliar esse leque de pesquisas que abordem esta formação social do Amazonas. Então, a formação do pensamento na Amazônia, hoje, passa a ser para nós uma busca pertinaz de reconhecimento da região, enquanto essa região de possibilidade de conhecimento, não só que serve para fazer conhecimento, não só como matéria-prima, mas como uma possibilidade de ela ser o conhecimento, de ela se construir como conhecimento. E para nós isso tem sido muito bacana. Mostram aí um avanço, pois nós estamos caminhando para isso.

RIF: E como pensar essa referência local e regional no contexto de globalização?

ICT: É um pensamento que vem de dentro para fora, do local para o global. O que nós temos agora até então, com essas representações europeias, era do global para o local e quando chegava no local, não reconhecia também. A globalização é um elemento fortíssimo desta utopia que estou falando, que a gente pode unir, através de um esquema que os franceses chamam de ‘mundialização das culturas’, e que possam unir o ‘nós’ e estabelecer nexo de formação de um pensamento.

RIF: Poderia agora contar um pouco sobre a sua trajetória, de onde veio esse interesse por pesquisar a cultura indígena?

ICT: Eu sempre estive ligada aos movimentos sociais desde os 15 anos. E a minha preocupação foi sempre com as mulheres e durante mais de 20 anos, quase 30 anos, eu faço pesquisa com vários segmentos de mulheres. Já fiz pesquisa com as mulheres operárias do Distrito Industrial, da Zona Franca de Manaus onde existe uma presença muito grande de mulheres porque a zona franca é uma modelo de produtos semielaborados e que são montados. E as mulheres, então, para o capital, elas têm uma valia muito grande porque não precisa qualificá-las, elas já naturalmente são portadoras de certas habilidades necessárias a esse tipo de trabalho. E esses estudos me levaram a questionar várias coisas, por exemplo, que não existem mulheres do ponto de vista universal. Elas são diferentes, elas são diversas. Então tem segmentos de mulheres e segmentos de mulheres. Eles são muito sociodiversos. E gênero também não é uma categoria que a gente possa dizer que atende a todos os segmentos de mulheres. Também não! É também limitado e complexo. E as coisas foram me instigando muito. Então, fui trabalhar com outros segmentos de mulheres, de comunidades. Então, a gente trabalhou muito bem a economia solidária, com empoderamento das comunidades, concursos de lideranças comunitárias, de organização de comunidades, enfim. E isso sempre, minha vida toda foi assim.

Aí voltei meu olhar, já há mais de 10 anos, para as mulheres indígenas, porque eu ficava pensando sobre essas mulheres que não estão no poder porque os homens não deixam que elas estejam [...]. Nós temos aqui umas duas ou três mulheres tuxaua no Amazonas, elas não estavam em espaços dentro dos conselhos, elas são preteridas. E eu ficava instigada sobre porquê isso acontecia com as mulheres indígenas. E isso é ocidental? É patriarcal? O que é? Aí, eu fui atrás para procurar saber. Eu sou de uma cidade chamada Maués, aqui perto. Ela é

conhecida por ser a terra do guaraná, esse que foi descoberto pelos índios. Eles têm uma base cultural muito forte ligada ao Guaraná. E as mulheres, as Sateré Mawé, elas são muito caladinhas e eu ficava instigada, elas não falam nem português, porque os homens não deixam. [...] Durante dez anos de pesquisa eu vi que essas teorias ocidentais não iluminavam. Aí, eu comecei a elaborar alguns conceitos na área indígena. E fui fazer pós-doutorado, em 2014, aí, comecei a ter coragem e me atrever a dizer que estes conceitos não servem. E aí as feministas ‘caíram de pau’ em cima de mim.

Eu vou para os congressos apresentar minhas coisas, elas querem me matar... Eu estou dizendo exatamente que gênero é assim, como a Judith Butler, teoria que diz desfazendo gênero, a gente aqui também está discutindo que tem que desfazer gênero na área indígena. Então, eu me apaixonei por esse trabalho porque descobri coisas muito bacanas. As mulheres, essas que eu estudei, são centrais na etnia delas. A formação da etnia nasce a partir de uma mulher. Essa coisa do Guaraná que é mítico para eles porque é do olho do Guaraná que nasce a etnia, quem faz nascer é a mulher através da ressurreição de um filho que foi morto e ela fez ressuscitar do olho dele. O guaraná que deu origem à etnia Sateré Mawé, que é uma das maiores depois dos Ticunas. Então, eu queria saber sobre a minha origem se eu tinha alguma coisa a ver com isso. Sou filha de pai judeu, mas a minha mãe é daqui de Maués, de comunidade próxima. E não consegui descobrir muito, mas eu encontrei alguns vestígios da minha origem e isso então me levou a estudar essas mulheres [...].

RIF: As mulheres desaparecem das narrativas sem nenhum tipo de protagonismo?

ICT: É, elas desaparecem. Exatamente. Tudo isso me levava a questionar porquê essas coisas. Eu queria entender na área indígena se o patriarcado teve uma influência dos colonizadores ou se o patriarcado já está por dentro das próprias culturas, através dos mitos e tal. Então, a gente acaba entrando por aquilo que a gente chama na Amazônia que é a formação do pensamento social da Amazônia. A formação do pensamento social porque não é aquele do natural, do naturalista, não é aquele apresentado pelo europeu, aquele que deprecia. O social no sentido mais amplo das culturas, das representações, enfim, do mundo da vida, dos que habitam aqui. Porque o que se tem em termos de pensamento é um pensamento dos naturalistas, pensamento das ciências naturais, que trata os homens como animais. Tanto é que chama de

população. Ora, população é de gafanhoto, de formiga. Aqui são os povos. Então serve o mesmo conceito para os humanos.

Aí, é muito visível como que eles percebem os humanos como natureza, natureza selvagem, que todos nós somos estamos natureza. Mas essa natureza que eles falavam é uma natureza segregada. É uma natureza verde, de animal selvagem, rios, etc. E com esse pensamento, chamado social, as pessoas reconhecem suas experiências e suas tradições; reconhecem o seu acervo mitológico, reconhecem que há aqui saberes que são saberes do ocidente, da razão ocidental, do código. Mas que são saberes dos povos indígenas e os seus acervos culturais. E a partir dessa constatação vão se formando os conceitos de Amazônia. Então já aparecem os conceitos de fricção interétnica, aparece conceito de encontro de cultura, não mais o choque cultural. Há um reconhecimento de bifurcação de cultura aqui, sobreposição de culturas, não mais como se dizia que eram culturas transplantadas da Europa para cá. Não é verdade. É uma resistência grande aqui com relação à cultura. Os povos mantêm a sua originalidade. Muitos como resistência, outros mantêm mesmo no curso normal da vida. Um reconhecimento que nem todo trabalho que existe na Amazônia passa pelo sistema capitalista. São trabalhos ancestrais, esse reconhecimento é primaz para nós porque senão vamos continuar com os conceitos de categoria trabalho e tudo sem alcançar aqui.

Então, muita coisa tá mudando. Eu diria que há um movimento positivo de revigoração mesmo, sabe. Eu não gosto de usar algumas palavras assim, contestação, não é isso, mas é de um outro olhar sobre a Amazônia. De um olhar por meio da experiência daqueles que conhecem a região. Não é o que ouviu dizer, mas que veio aqui, que faz pesquisas que são os olhares dos brasileiros, temos aqui vários exemplos. [...] Então, se a gente for dizer que o conhecimento é etno, então a gente vai dizer que o conhecimento só é indígena e não é. Então, tem que ter muito cuidado com essas coisas para não ficar também estereotipado.

[...] Eu sou muito otimista com relação a essas coisas de mudanças. Quem sabe daqui a um tempo, uns cem anos, não sei, a gente já tenha uma maturidade em termos de conhecimento aqui na Amazônia.

RIF: Para encerrar, na sua experiência em comunidades indígenas, o que é possível dizer sobre o processo de transformação da cultura? O que permanece, o que sobrevive, o que nessa lógica de resistência fica?

ICT: Tem algumas transformações acontecendo na comunidade. Por exemplo, a comunidade aqui do Rio Andirá, Sateré Mawé que tinha violência contra a mulher, elas já se organizam em torno disso, elas fazem as suas próprias cadeias, seus presídios, as construções lá dentro. Ele é julgado na comunidade e pode ser punido e é muito legal que elas estejam fazendo isso. Elas têm uma resistência bacana. E agora, eu não acho que o ponto de vista desse silêncio que elas têm, dessa submissão, não acho que tem a transformação assim tão cedo, não. Porque submissão é mítica, ela vem por dentro dos mitos. E os mitos sempre engendram crenças. É crença sobrenatural, é crença em encantados, é crença em animais. Então, a criança em Tupã dá uma certa energia que eles têm com universo. Eles não acreditam numa coisa de céu e inferno, mas eles têm uma crença, uma mística. Então, esses mitos vêm por dentro, é muito difícil de depurar isso. Mas em termos de organização, de resistência, acho que sim. As mulheres conseguem já responder. É o empoderamento. Nas comunidades a gente vai e a gente faz com que elas se voltem para organizar a vida comunitária delas. Então, elas fazem associação, elas fazem o artesanato, atendem para fora. Já começam ganhando um dinheirinho. As índias Ticuna têm hoje uma presença através da globalização dos produtos delas. Não sei se você já viu os anéis pretinho que tem uma coisa dentro de prata, dentro do anel, é feito por elas e tem exportação para o Japão. É um anel de tucumã. Só que esse anel sai do simples e vai para o sofisticado. Elas colocam um metal embaixo, com umas peças de prata. Isso já foi trabalhado pelo Sebrae, o design com elas, a revitalização do artesanato, elas imprimiram já uma marca. Isso é conhecido como os anéis das índias do alto Solimões, das índias Ticuna. Elas têm uma associação só para isso, a AMATU (Associação de Mulheres Artesãs Ticunas de Bom Caminho). Eu ajudei essas mulheres, fui fazer coleta, fui fazer formação.

E então tem algumas coisas assim que a gente tem esperança que elas continuem. Essa do bom caminho é continuar. Eu estive recente agora com elas, fui lá de novo na comunidade, e elas estão trabalhando, estão em frente. Hoje, inclusive, já tem outros artesanatos e teceduras lindas, maravilhosas, que também estão sendo exportadas. Então, isso já é um pouco dessa globalização.

RIF: Muito obrigada, professora Iraildes, pela oportunidade de diálogo e pelo aprendizado sobre a cultura indígena.